

# **DIVERSIDADE CULTURAL NO AMBIENTE ESCOLAR**

## **CULTURAL DIVERSITY IN THE SCHOOL ENVIRONMENT**



**JULIANA BERTOLO PASCHOTE FABRÍCIO**

Graduada e Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação Paulistana (2023); Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

### **RESUMO**

O objetivo geral dessa pesquisa é conhecer a criança e investigar a identidade própria que ela possui, dada pela sua origem cultural, baseada nas diferenças de etnia, classe social, crença religiosa e outras características individuais ou sociais. Partindo e pensando na problemática “de que forma a diversidade cultural pode ser trabalhada no ambiente escolar”, a metodologia em questão do presente estudo assumiu uma abordagem qualitativa. Acreditando ser a educação a base de um mundo melhor, entendemos que esta deve ser totalmente livre de preconceitos, racismo, discriminações de toda espécie: etnia, religião, cultura, classe social; e afirmando que cada um de nós tem uma personalidade diferente, viemos de um contexto familiar, social e econômico distinto, e somos dotados de valores e concepções diversas. Com isto, nessa perspectiva, a atenção à diversidade é indispensável, sendo que a educação, e principalmente a educação infantil, se constitui juntamente com o desenvolvimento das crianças, que estão se constituindo como sujeitos autônomos, críticos e conscientes de seus direitos e deveres. Contudo, o trabalho em questão aborda temas sobre “multiculturalismo”, concepções de diversidade, aceitação ou negação da cultura do outro.

**Palavras-chave:** Diversidade; Multiculturalismo; Diferenças; Educação.

## ABSTRACT

The overall objective of this research is to understand the child and investigate their own identity, given by their cultural origin, based on differences in ethnicity, social class, religious belief, and other individual or social characteristics. Starting from and considering the problem of "how can cultural diversity be addressed in the school environment," the methodology of this study adopted a qualitative approach. Believing that education is the foundation of a better world, we understand that it must be completely free from prejudice, racism, and discrimination of all kinds: ethnicity, religion, culture, social class; and affirming that each of us has a different personality, comes from a distinct family, social, and economic context, and is endowed with diverse values and conceptions. Thus, from this perspective, attention to diversity is indispensable, since education, and especially early childhood education, is constituted along with the development of children, who are becoming autonomous, critical subjects aware of their rights and duties. However, this work addresses themes of "multiculturalism," conceptions of diversity, and acceptance or rejection of the culture of others.

**Keywords:** Diversity; Multiculturalism; Differences; Education.

## INTRODUÇÃO

O papel do educador é mostrar que as crianças pertencem a vários grupos sociais, cada uma com modos de vida singulares. Apesar de ser cedo para meninos e meninas assimilarem toda a complexidade do mundo, quando se deparam com novas formas possíveis de serem e viver, eles começam a reconstruir a visão que têm da realidade e tornam-se mais receptivos à diversidade.

Seguindo o contexto relatado, e refletindo sobre as diferenças no cotidiano escolar (educacional), surgiu o tema de estudo a ser pesquisado. Diversidade, conceito, diferenças, culturas, costumes, multiculturalismo.

A temática é um assunto vivenciado no cotidiano da educação infantil, (e em toda sociedade) que, nos dias atuais, muitas vezes tem como pano de fundo outros problemas, que se ocultam porque não nos damos conta que estamos negando o outro em toda sua plenitude. A diversidade convive conosco de mãos dadas, especialmente em nosso país, onde a miscigenação é algo muito forte e real.

Tal problemática foi motivada, pois durante minha trajetória como educadora em vários lugares, pude perceber a riqueza de cultura que permeia em nosso dia a dia, e as diferenças que nos dividem, enquanto, deveria nos unir, somar, acrescentar, então, como pesquisadora do assunto, em minhas vivências, comecei a observar e, registrar essa diversidade existente em todo esse contexto, e como pesquisadora comecei essa reflexão.

A compreensão sobre o tema aborda as diferenças em nosso país, composto por uma grande diversidade cultural, sendo constituídos por Italianos, alemães, japoneses, portugueses, africanos, ou seja, um país que se apresenta historicamente pelas mais diversas culturas tornando-se uma sociedade multiétnica que nos permite estar em contato com crenças e valores diferenciados.

Assim, desta forma, meu primeiro contato com essas diferenças se deu nos momentos de conversas com o grupo no qual leciono, onde a diversidade se apresenta de forma enfática, com crianças

negras, brancas, algumas obesas, outras com problemas de baixo peso, algumas em condições sociais de risco, e, outras com uma base familiar privilegiada. E ainda, há os que acreditam em Deus, e outras que nos trazem uma crença diferenciada, que não podemos negar, influenciam a vida de todos nós de alguma forma, crianças do candomblé, crianças evangélicas, as que podem usufruir de um desenvolvimento que contemple uma visão de mundo mais ampla, e outras, porém, que seu mundo se amplia somente na vivência de seu dia a dia na instituição, e, nas interações com o grupo. Desta forma, avalio e compreendo a dimensão que nossa prática como “professor” na vida dessas crianças nos tornando referências para muitos.

No entanto, percebi o quanto a nossa cultura é parte de cada um de nós, de nossa história, de nossa essência, minha pesquisa não poderia ter outro caráter a não ser o etnográfico, que nos permite compreender as relações em seus diferentes aspectos.

Visto que o mundo precisa de pessoas que consigam enxergar além da cor, da beleza exterior, das imperfeições, e entender a diferença como algo a nos acrescentar, nos fazer mais tolerantes, mais coerente com as diferenças do outro, mais gente neste mundo em que as diferenças causam incoerências. Decidi pesquisar sobre uma temática que fizesse com que minha prática vá de encontro com a igualdade de possibilidades para com as crianças que comigo dividem momentos de conhecimento e socializações, agirem sobre o mundo em que vivem, e não apenas assistir sua transformação passivamente.

A partir dos pressupostos aqui descritos, o objetivo geral da pesquisa foi: investigar a melhor forma de promover a aprendizagem significativa dessas crianças e ampliar seu olhar sobre o mundo, sem pré-conceitos sendo que todos estão em pleno desenvolvimento cognitivo, social e intelectual, formando personalidade.

Segundo pesquisas teóricas, a diversidade, longe de constituir um entrave ao desenvolvimento e ao progresso de todas as culturas, de cada uma das culturas, de cada indivíduo, hoje é encarada como exigência profunda de consciência e de respeito pelo outro, seja qual for sua cultura, idade, sexo, raça, riqueza ou religião, contudo a aprendizagem que permite a aceitação da diferença (o outro). Com estas diretrizes traçadas, direcionei a pesquisa, buscando respostas que nos encaminhem a uma visão de mundo mais esclarecida, sem pré-julgamentos, porque o outro não é da forma como a sociedade dita “normal”, e entender o que é o normal para cada um de nós, com isto, caminharmos para uma educação que contemple esses anseios de forma menos utópica.

A presente monografia foi uma pesquisa do tipo qualitativa, e no que se refere a uma revisão bibliográfica a respeito do tema “Diversidade”, buscando refletir a respeito dos vários fatores que se evidenciam para que o respeito às diferenças se concretize na vida de todos nós.

## **DIVERSIDADE CULTURAL**

O Brasil é um dos países de maior diversidade cultural e racial do mundo, possuindo descendentes e imigrantes de vários países, cada grupo humano constitui suas próprias leis e organização, possuindo

estilos diferentes de liderança e coordenação da vida em comum. E é desta maneira que nos diferenciamos dos demais países, pois vivemos numa suposta democracia racial, religiosa, sexual, política e social. Não temos guerras civis, mas em compensação há o desprezo da cultura do outro.

A cultura não existe em seres humanos genéricos, em situações abstratas, mas em homens e mulheres concretos, pertencentes a este ou àquele povo, a esta ou àquela classe, em determinado território, num regime político A ou B, dentro desta ou daquela realidade. Somente se poderá conceituar cultura como autorrealização da pessoa humana no seu mundo, numa interação dialética entre os dois, sempre em dimensão social. Algo que não se cristaliza apenas no plano do conhecimento teórico, mas também no da sensibilidade, da ação e da comunicação (VANNUCCHI, 1999, p. 21).

Uma cultura democrática hoje implica no resgate de uma memória coletiva dentro da experiência histórica da democracia política. Mas é preciso reinventar essa democracia dentro do quadro social da realidade brasileira, que é um quadro de heterogeneidade cultural, de diversidade cultural (SODRÉ, 2000, p. 21).

No Brasil, infelizmente, não aprendemos a valorizar a cultura do nosso país e sim uma falsa ideia de igualdade de culturas. Ao invés de valorizarmos e reconhecermos as culturas regionais e brasileiras, defendemos uma ideia de igualdade de uma única cultura, ou seja, a escola defende essa ideia de que todos somos iguais, desta maneira, a escola valoriza uma cultura uniforme. Ao contrário do que Vygotsky diz que a escola deveria valorizar e aproveitar como conteúdo à bagagem cultural de cada criança. Para Vygotsky,

(...) ao salientar o ambiente social em que a criança nasceu, reconhece que, em se variando esse ambiente, o desenvolvimento também variará. Neste sentido, para este autor, não se pode aceitar uma única visão de cultura, universal (...) (DAVIS, 1992, p. 55).

A educação não começa na escola. Ela começa muito antes e é influenciada por muitos fatores. Ao longo de seu desenvolvimento físico e intelectual, passa por várias fases, na qual a escola dá vida, isto é, o ambiente familiar, as condições socioeconômicas da família, o lugar onde se mora. Os acessos aos meios de informação têm uma importância muito grande. Os primeiros anos são decisivos, estudos demonstram que a criança tem sua estrutura básica de personalidade definida até os 02 (dois) anos de idade, muito antes, portanto, do período da escola obrigatória, e durante esse período é importante que os professores e os pais busquem desenvolver nas crianças atitudes, valores, estabelecendo regras e limites possíveis e necessários à estruturação da personalidade e consequentemente uma educação adequada ao convívio social.

Para que assim, a criança possua desde cedo a noção de respeito, igualdade e justiça, conhecendo os seus limites e dos limites do outro e do meio, participe na construção coletiva de regras, reconheça as diferentes formas de preconceito e injustiça, e a capacidade de comunicação, expressão

e relacionamento. Não se tratando de uma avaliação intelectual, matemática, mas de um sentimento: o sentimento de não – indiferença.

A escola deve estar oportunizando conteúdos culturais, relacionados à comunidade em que as crianças estão inseridas, proporcionar o conhecimento de outras culturas, assim como promover gincanas culturais, debates, palestras e outras atividades deveriam ser metas principais ao se pensar em trabalhar com a diversidade cultural em nosso ambiente escolar; bem como trazendo para a escola toda a comunidade, para que assim possa se realizar o objetivo mestre: a integração das pessoas. E é de uma forma solidária e participativa que a escola pode e deve contribuir para a formação de cidadãos conscientes, críticos e solidários.

É em casa que aprendemos as diversidades da nossa cultura, porém, se na família não é oferecida oportunidades de vivenciarmos as especificidades da cultura familiar, a criança não irá se apropriar das particularidades que a sua cultura familiar possui. Se na família não ocorre essa oportunidade de vivências, a escola somente reforça o ensinamento de uma única cultura, valorizando a cultura burguesa, pois os alunos não são instigados a pesquisarem sobre o seu passado: qual é a sua religião, qual é a sua descendência, quais são os costumes de sua família, qual é a sua etnia, entre outros questionamentos.

As questões do multiculturalismo e da diferença tornaram-se, nos últimos anos, centrais na teoria educacional crítica e até mesmo nas pedagogias oficiais. Mesmo que tratadas de forma marginal, como “temas transversais”, essas questões são reconhecidas, inclusive pelo oficialismo, como legítimas questões de conhecimento. O que causa estranheza nessas discussões é, entretanto, a ausência de uma teoria da identidade e da diferença (SILVA, 2000, p. 73).

Vivemos em uma sociedade, formamos grupos, participamos de comunidades, e como futuras educadoras temos o dever de orientar as crianças para que no futuro elas se sobressaíam em suas ações e reações diante de qualquer situação ou de qualquer desafio que precisarem enfrentar. Cabe a nós, fazer valer com destaque o respeito dentro de uma escala de valores já esquecidos ou alterados por pessoas que, por falta de esclarecimentos culturais e até mesmo educativos, esqueceram de trabalhar – por causa da falta de uma teoria da diferença – ou passar às novas gerações atitudes de credibilidades ao respeito que dentro do processo educativo possui uma diversidade ampla. Só passaremos a respeitar a outra cultura, a partir do momento em que passarmos a conhecê-la e compreendê-la.

Como a questão da diversidade linguística, o Brasil sendo um país tão grande, está entre os que possuem uma única língua, que é o Português. Apesar de ter uma única língua, as diferentes regiões possuem seus dialetos, como por exemplo, o sotaque cantado dos manezinhos e as gírias dos gaúchos. A escola padroniza o uso da linguagem formal, considerando errada todas as outras formas de linguagem. Assim, ela não trabalha a função social da língua, reforçando, desta maneira, o preconceito com os outros tipos de linguagem.

Os alunos devem começar a reconhecer e comparar a importância de cada cultura. As diferentes culturas revelam como vive uma determinada sociedade, só sabemos como ocorreram os fatos através das culturas que se preservaram durante esses longos anos. Se deixarmos de vivenciar nossa cultura atual, as gerações vindouras, não reconhecerão a cultura brasileira, pois estamos deixando de lado a nossa origem. Uma das formas de se resgatar essas culturas é trazendo-as para dentro da sala para que as crianças possam vivenciá-las.

Quanto ao papel da escola e do educador, a Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina (1998, p. 79), considera que, “o papel da escola é promover a apropriação, elaboração e reelaboração de conhecimento, torna-se necessário que se favoreçam determinados tipos de interações sociais, o que nos remete à discussão acerca do papel do professor na sala de aula e a concepção que fundamenta sua prática pedagógica”.

Quando o professor for oportunizar qualquer atividade acerca deste assunto, ele deve aproveitar cada momento e resgatar as culturas das crianças, ele não precisa de um momento especial ou uma atividade especial sobre este tema, para estar abordando este assunto.

Segundo Sodré (2000, p. 23)

A experiência da diversidade cultural é a experiência de vivência democrática em seu modo mais radical. Quer dizer, a radicalidade desse período de experiência democrática é a radicalidade do reconhecimento da diversidade cultural.

Só acabaremos com os preconceitos culturais a partir do momento em que a escola estiver disposta a renovar as suas práticas pedagógicas. As atividades devem proporcionar o resgate das vivências da cultura de cada indivíduo, explicando e valorizando as diferenças – de raças, religiões, políticas, econômicas – existentes dentro de cada grupo, de cada sociedade.

Ao pesquisar sobre o tema em questão “Diversidade Cultural no Ambiente Escolar”, recorri a muitos autores que trabalham a temática e suas nuances de suas teorias e complexidades, realizada uma pesquisa de campo, observações e formas de trabalho e intervenção no sistema educacional, pude conhecer e reconhecer a diversidade de mundo, de cultura, que permeiam nossas vivências e o multiculturalismo que nos constitui, com suas minúcias, riquezas, contrastes e singularidades plurais. Um dos grandes desafios da escola atualmente, e de extrema importância, é o de desenvolver um Projeto Político Pedagógico que estabeleça uma visão real de nossa história e prática pedagógica em relação a diversidade cultural para os alunos. Cabe ainda ressaltar, que se assim não for, a escola tem um projeto pedagógico que não atende às diferenças individuais, um desprazer, indisciplina, e utopia de tudo que estamos querendo objetivar, construir. Por outro lado, o trabalho pedagógico deve ter uma visão democrática, incluindo as diferenças como um elemento fundamental no ensino-aprendizagem.

Assim, um novo olhar, mais amplo de consciência e crescimento de um novo homem e uma nova sociedade. A análise aqui realizada pode contribuir para superação do preconceito de que existe o aluno ideal para uma real compreensão do fenômeno diversidade cultural na escola. Não há uma classe



homogênea. Para o entendimento das relações sociais, no universo escolar, onde existe uma pluralidade cultural, é necessário se desprender de qualquer rótulo, e avançar no conhecimento desse multiculturalismo que se apresenta entre as frestas do nosso cotidiano escolar, oculta nas individualidades de cada um.

## MULTICULTURALISMO

“Coexistência de várias culturas no mesmo espaço, no mesmo país, na mesma cidade, na mesma escola”. Para Gonçalves e Silva (2001, p. 19-20), embora o multiculturalismo tenha se transformado, com apoio da mídia e das redes informais, em um fenômeno globalizado, ele teve início em países nos quais a diversidade cultural é vista para a construção da unidade nacional (...). Em suma, o multiculturalismo, desde sua origem aparece como princípio ético que tem orientado a ação de grupos culturalmente dominados, aos quais foi negado direito de preservar suas características culturais.

Ainda que da perspectiva do multiculturalismo seja apresentada uma visão relativista dos valores, Capelo (2003, p. 129) pondera que o Multiculturalismo não pode abrir mão da igualdade de direito e das necessidades compensatórias, caso contrário terá contribuído para excluir, pra separar, para fragmentar, permitindo que a dominação sobre a minoria seja ainda mais eficiente (SECADI/MEC, 2005, p. 220).

A partir de todos esses questionamentos e reflexões, podemos compreender que temos uma tarefa como educador e cidadão consciente, que temos uma tarefa complexa de atuação, e nós mesmo e na sociedade, de modo a possibilitar vivências mais respeitadas, antirracistas, e a criação de espaços de desenvolvimento adequados a crianças e adolescentes em nossas escolas. “Predomina na escola um “discurso de igualdade” que encobre a existência das diferenças e alimenta o mito da democracia racial. (SOUZA e CROSO, 2007, p. 45).

O entendimento que propomos acerca das ideias de multiculturalismo e diversidade importam no sentido de repensarmos, ou pelo menos, refletirmos sobre qual educação queremos e como podemos atuar para torná-las mais adequada às realidades socioculturais de nossa sociedade. Vivemos uma realidade que indica, a todo instante, mudanças, constituição de novas identidades, dúvidas, um novo tempo na qual a ideia de uma identidade única, nacional, pautada na figura de algum “grande herói”, não é capaz de dar conta da imensidão de experiências e sujeitos nas suas variadas formas de vivência e expressões culturais.

Portanto, termos como diversidade e multiculturalismo servem para dialogarmos com este “novo tempo” e com suas demandas que, na mais são do que demandas construídas e reivindicadas por grupos sociais.

A diversidade deve ser uma competência político-pedagógica a ser adquirida pelos profissionais da educação nos seus processos formadores, influenciando de maneira positiva a relação desses sujeitos com os outros, tantos na escola quanto na vida cotidiana (...). Afirma Nilma Lino Gomes (2003):

Assumir a diversidade cultural significa muito mais que um elogio das diferenças. Representa não somente fazer uma reflexão mais densa sobre as particularidades dos grupos sociais, mas, também, implementar políticas públicas, alterar relações de poder, redefinir escolhas, tomar novos rumos e questionar a nossa visão da democracia (SECADI/MEC, 2005, p. 218).

É necessário ter um olhar sensível, com respeito ao novo, ao que não é de sua vivência, para poder então, compreender a vivência do outro, a religião, a orientação sexual, a cultura, as tradições, tudo que habitualmente não faz parte de suas ideias e crenças, e acreditar que muito do que é seu pode também não ser visto de forma tranquila, ou “normal”, porém, a um princípio básico de termos o respeito pelo outro. Isso é diversidade, é aceitação, é transformação para uma sociedade melhor e mais justa, não utópica, não ilusória, mas sim, uma com um caminho de igualdades de direitos, deveres, com plenitude na aceitação das diferenças, complexidade é muitas vezes a maneira como você vê o que não lhe é habitual. Há várias formas de enxergar o mundo, e com certeza, o mundo que enxergamos só será melhor se tudo que eu acredito melhorar a cada diferença que eu passo a respeitar, entender, conhecer.

Conhecimento é parte de nossas competências neste contexto educacional, somos parte desta mudança, desse fator primordial no caminho de melhorar a vida das pessoas que passam por nós, e saem desse contexto levando uma consciência melhor no que se refere ao entendimento da “Diversidade no âmbito educacional”.

A gente olha, mas não vê, a gente vê, mas não percebe, a gente percebe, mas não sente, a gente sente, mas não ama e, se a gente não ama a criança, a vida que ela representa, as infinitas possibilidades de manifestação dessa vida que ela traz, a gente não investe nessa vida, e se a gente não investe nessa vida, a gente não educa e se a gente não educa no espaço/tempo de educar, a gente mata, ou melhor, a gente não educa para a vida; a gente educa para a morte das infinitas possibilidades. A gente educa (se é que se pode dizer assim) para uma morte em vida: a invisibilidade (SODRÉ e TRINDADE, 2000, p. 9).

## **CULTURA: UM CONCEITO PLURAL**

Fala-se tanto na palavra cultura, porém, tão pouco se sabe sobre o seu significado. Assim, para podemos conceituá-la, é necessário que se faça uma revisão teórica que aponte a multiplicidade de conceitos, pois percebo o quanto se falar sobre cultura exige pesquisa e conhecimento teórico. Sendo assim, realizei uma leitura que abrange a discussão acerca da cultura em diferentes áreas de conhecimento.

Fleury nos mostra que uma pesquisa realizada em 1952 por Arthur Kroeber e Clyde Kluckon em que foi feito “um levantamento de definições propostas por estudiosos chegaram à conta 164 enunciações. Daí a dificuldade de definir cultura de um modo unívoco” (2002, p.7).

A infinidade de conceitos de cultura, fez com esta discussão partindo de um conceito básico de cultura como Vannuchi (1999) chama: cultura é a ação do homem, sobre e com a natureza. E ainda,



(...) é o modo de viver típico, o estilo de vida comum, o ser, o fazer e o agir de determinado grupo humano, desta ou daquela etnia. Fala-se assim, etnologicamente, em cultura brasileira, cultura alemã, cultura esquimó, etc. (p.26).

Este conceito nos demonstra o conhecimento de senso comum que a sociedade possui sobre cultura, porém, não podemos considerá-lo como completo ou adequado para uma discussão mais ampla, desta maneira, surge a necessidade de estarmos pontuando cultura sobre outros olhares e áreas de conhecimento.

Discutir a diversidade cultural pressupõe problematizar a cultura trabalhando com seus vários conceitos a fim de ampliar nosso aporte teórico viabilizando novos horizontes. Minha discussão de cultura então passa por outras áreas e outras linhas teóricas. Na perspectiva marxista a cultura

(...) é analisada como parte da superestrutura, ou seja, como pertencendo àquelas esferas sociais que se distinguem da base econômica: as instituições jurídicas e políticas, a ideologia, a educação. (SILVA, 2000, p. 32).

Na concepção de Bourdieu, a cultura é vista como dominação e a escola proporciona através de seu currículo a submissão das culturas, logo deixam de vivenciar seus costumes, porque tendem a vivenciar que é imposto pela sociedade, a cultura hegemônica:

(...) É definida por gostos e formas de apreciação estética, é central ao processo de dominação: é a imposição da cultura dominante como sendo a cultura que faz com que as classes dominadas atribuam sua situação subalterna não a imposição pura e simples, mas a sua suposta deficiência cultural. A escola tem um papel importante na reprodução desta relação de dominação cultural. (SILVA, 2000, p.32).

Por outro lado, os estudos culturais apontam que:

(...) A cultura é teorizada como campo de luta entre os diferentes grupos sociais em torno da significação. A educação e o currículo são vistos como campos de conflito em torno de duas dimensões centrais da cultura: o conhecimento e a identidade. (Silva, 2000, p. 32).

Dentre esses conceitos podemos perceber que a cultura é um termo que não conseguimos definir rapidamente nem tão pouco com um estudo superficial, compreender cultura requer conhecimento teórico mais amplo, e, sobretudo um olhar criterioso sobre a sociedade.

Considerando que a sociedade é composta por diferentes culturas, podemos dizer que ela é caracterizada por uma rede de significados, ou seja, cada cultura possui características marcantes que permita identificá-las ou reconhecê-las.

A cultura não exige e nem deseja que as pessoas sejam iguais, cada indivíduo é diferente um do outro, e é nesta perspectiva que a escola deveria estar repensando seu currículo, ao invés de apenas discutir deveria problematizar a cultura para que os alunos possam compreender o significado de respeitar as diferenças culturais a fim do aprimoramento social do grupo. A educação deveria perceber que a cultura como uma rica fonte de conhecimento, já que todo sujeito é construtor e possuidor de cultura.

Percebo em minha prática docente a homogeneização das culturas existentes dentro e fora das instituições escolares, em minha pesquisa, constatei a negligência que se faz para com os alunos, sendo considerados todos iguais, o caso se agrava mais na educação infantil, como são menores, não percebem ainda as relações de subordinação, que sua identidade sofre em decorrência da hegemonização cultural.

Nas series iniciais, essa subordinação é revelada, através dos conflitos entre os alunos e educadores, no qual ocorrem as agressões orais, chegando algumas vezes a agressões físicas.

Os alunos das séries iniciais, já compreendem o valor de um palavrão à sua cultura, bem como reconhecem quando ocorre, a discriminação da sua cultura perante os outros.

No segundo capítulo abordarei conceitos que nos levam a compreensão sobre identidade e diferenças, “pré-conceitos” e que caminhos seguir, que atitudes podemos tomar no caminhar de uma sociedade que seja liberta de todos os julgamentos sem compreensão, sem tolerância e sem consciência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante o processo de pesquisa, bem como a elaboração deste trabalho, compreendi algumas relações nas quais praticamos e muitas vezes nos passam despercebidas, inúmeras vezes trabalhei numa perspectiva mono cultural, na qual trabalhava com crianças de diferentes etnias. Neste período, pude rever minha prática pedagógica, repensar a sala de aula (grupo de vivências) como uma multiplicidade de conceitos, ideias, objetivos.

Nesta pesquisa, minha intenção foi mostrar que, para se ter uma educação preocupada com a diversidade e com o multiculturalismo, se faz necessário, além de discutir, refletirmos sobre que concepção acerca de cultura é essencial para compreendermos as relações que se tratam nas instituições escolares.

Não podemos ficar no lugar comum de que “eu sou educador”, e amo crianças apenas, pois as diferenças exigem que nossa postura perante as diversidades seja de aceitação, de ampliação de conhecimentos, de incutir em cada um, o respeito à diferença que me chega.

Ser educador é compreender que na vivência de grupo (sala de aula), existem sujeitos das mais variadas culturas, e que, cada qual, deve ser respeitado e motivado a falar de sua própria identidade, e não de uma cultura homogênea, pois não teremos uma educação multicultural a partir do momento em que não oportunizamos um espaço de respeito e democracia, só construiremos algo, a partir do momento

em que nos comprometemos com nós mesmos, com nosso trabalho de desenvolvimento e formação de um ser, e com as crianças contribuindo para uma sociedade menos desigual, mais respeitosa, ensinando as crianças a valorizar a história que compõe a vida do outro.

Ressalto que minhas observações me permitiram entender que a discussão teórica sobre a pluralidade do conceito de cultura me possibilitou uma visão ampliada sobre o mundo, o que me levou a perceber a importância da construção teórica crítica à formação de educadores.

Falar sobre a diversidade cultural e valorizá-la, é trabalhar sobre a superação dos preconceitos, é vencer alguns dos mecanismos de exclusão social, esse trabalho é necessário, porém árduo e insuficiente para chegar ao caminho de uma sociedade igualitária. A pesquisa nos amplia o olhar, mas precisa nos tocar, nos sensibilizar para as diferenças indiferentes a nós, precisa nos fazer sair da zona de conforto, e alçar voos na ação de se ter coragem, quando uma identidade é suprimida, quando uma cultura é negada, e principalmente quando um preconceito referente a crenças, religião, ou quaisquer tipos de pré-conceito, é ressaltado.

Por fim, ao finalizar esta pesquisa, revendo as considerações feitas acerca dos temas propostos, reflito o quanto compreendi algumas relações e neste momento, me julgo capaz de estar ampliando algumas discussões que aqui fiz. Assim, posso concluir que o conhecimento, é um movimento constante de ir e vir.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Teo W. e CALAZANS, Gabriela. **Brochuras de referência para os profissionais de saúde**. Disponível em: <[http://www.crt.saude.sp.gov.br/instituicao\\_gprevencao\\_brochuras.htm](http://www.crt.saude.sp.gov.br/instituicao_gprevencao_brochuras.htm)>. Acesso em: 12 dez. 2025.

AYRES, José Ricardo de C. M. **O jovem que buscamos e o encontro que queremos ser**. Ideias: FDE, São Paulo, n. 29, p. 15-24, 1996. Disponível em <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_29\\_p015-024\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_29_p015-024_c.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2025.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional: lei 9.394/96**. Apresentação: Carlos Roberto Jamil Cury. 6. ed. Rio janeiro: DP&A, 2003.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BARBOSA, Derly. **A conquista do educador popular e a interdisciplinaridade do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 1991.

DAVIS, Cláudia e OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MENEZES, WALÉRIA. **O preconceito e suas repercussões na instituição escolar**. Disponível em: <[http:// pt.slideshare.net/janayna/preconceito-na-escola](http://pt.slideshare.net/janayna/preconceito-na-escola)>. Acesso em: 12 dez. 2025.

MOREIRA, A. F. e SILVA, T. T. **Currículo, cultura e sociedade**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

MRECH, Leny Magalhães. **Psicanálise e educação: novos operadores de leitura**. São Paulo: Pioneira, 1999.

SANTA CATARINA. **Secretaria de Estado da Educação e do Desporto**. Proposta Curricular de Santa Catarina. Florianópolis: COGEN, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SODRÉ, M.; TRINDADE, A. L. **Cultura, diversidade cultural e educação**. In: Multiculturalismo: mil e uma faces da escola. RJ: DP&A, 2000.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira – O que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.